

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 22 DE JANEIRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 108

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,
Aluizio Azevedo,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A. DUMAS filho.
«A Semana».....	R. OCTAVIO.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
«Vinte Contos» carta de.....	JULIA LOPES.
Os organitos, soneto.....	F. PALMEIRA.
O novo prefacio d'«Damo das Camélias».....	F.
Poesia e poetas:	S.
«Nenuphars».....	S. LORGNON.
«Cantos tropicaes».....	A. MENDES.
O diaheiro.....	V. MAGALHÃES.
O meu canario, soneto.....	P. TALMA.
Notas bibliographicas.....	L. M. BASTOS.
Jornaes e revistas.....	M. DA HORTA.
Festas, bailes e concertos	FR. ANTONIO.
A urne menina loira, soneto.....	S. SONIAJ.
Paginas esquecidas—Cancão.....	ENRICO.
Theatros.....	
Secção de honra.....	
Sport.....	
Parnaso Alegre—Sonho Oriental.....	
Tretos á boia.....	
Factos e Noticias.....	
Collaboração—Conversa com minha filha.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lbes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, o ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 56, 57, 63, e 96 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Aos cavalheiros que, por intermedio dos nossos agentes, nos honrarem com as suas assignaturas, rogamos a fineza de dirigirem suas reclamações á gerencia da folha, quando não a recebam com a punctualidade necessaria.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindegos, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por

Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de Franca, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptae por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vioira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindegos, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

Do nosso estimadissimo collaborador Dr. Affonso Celso Junior, — cujo soneto *Anjo enfermo* tão vivo successo alcançou, em o nosso ultimo numero — temos a promessa de algumas notas da viagem por S. Ex. realizada ha mezes á republica do Prata, em companhia do eu honrado e illustre pae.

A *Semana* espera offerecer em breve aos seus leitores essas paginas, seguramente notaveis pela jnsteza das observações como pelo primor da fórma.

Por enfermidade do nosso collaborador *Phébo-Apollo* não damos hoje *Cartas do Olympo*.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

As noticias do cholera em terras do Brazil vêm vindo aos poucos, medrosamente, subrepticamente, com pés de lan, não querendo causar terror. Ha pouco citava-se como infestada a provincia de Matto Grosso, sem particularidades de povoação. Agora, alguns jornaes mais animosos, mais intrepidos, mais desabusados, já se atrevem a dizer que o local recolhido pela molestia para nos fazer a sua desagradavel visita de apresentação foi Cornumbá.

Isto vaes indo, ou, antes, isto vem vindo assim de vagar, paulatinamente. Primeiro Corumbá, depois, naturalmente, Cuyabá, depois Goyaz, depois Minas; quando chegar a terras vizinhas do canal do Mangue, virá no vehiculo dos microbios, guiada pela celliga Amarella até os dominios da Candelaria e de S. José, via direita e Ajnda, como resavam topographicamente os lettreiros dos antigos bonds de Botafogo.

Têm sido louvaveis porque têm sido nteis, os esforços da Inspectoria de Hygiene; mas que poderão elles contra o audaz inimigo que encontra os portos abertos e os microbios desoccupados,

abandonados na eua culntra pelo sabio Dr. Freire?

O calor teu estado de rachar e, por mais que me digam que não, esta temperatura elevada, comburente, serve ao desenvolvimento da terrivel molestia asiatica.

O Estado, tirante os cuidados da Inspectoria da Hygiene, não se importa com a saude publica, nem mesmo quando, como agora, o perigo se mostra imminente. Assim, é cada qual tratar de se prevenir por si mesmo, antes do brado desesperado e desesperador do *saue qui peut!*

Para isso, entre as multissimas coisae que nos aconselha a sciencia médica, estão o abuso da limpeza e a abstenção das bebidas alcoolicas. Muita agua e pouco *cognac* são os meios mais efficazes de evitar o cholera. Felizmente, para snpprir os *grogs* e as bebidas fermentadas, que predispoem o organismo para receber o microbio, temos agora cajúe com abundancia, e todos sabemos quanto essa bella e saborosa fructa, além de ser de um sabor exquisito e agradável, é util pelas suas excepçoes qualidades depurativas, tonicas e refrigerantes.

O caso da semana foi o assassinato do agente secreto de policia Bastos pelo pobre louco hespanhol Raphael Hecht.

A policia, em vez de obrigar a familia do desgraçado louco a recolhê-lo a uma casa de saude, fel-o acompanhar por um agente secreto. O infeliz, que tinha a mania das perseguições, julgou que o agente era mais um perseguidor peitado pela sua familia e matou-o com tres ou quatro ou cinco tiros de revolver, no café de Java, em plena rua do Ouvidor.

Agora interrogam o enfermo desesperadamente: mas que valor podem ter as declarações de um louco, cuja razão ajuda mais se aggravou com o crime commettido?

Parece quo e empenho actual da policia é saber se a familia perseguia o criminoso irresponsavel e se a esposa não lhe prodigalisava todos os carinhos coojngaes. Mas que diabo tem que vér com isso a policia?

Bado que o lar domestico de Raphael não fósse um exemplo de paz edenica por causa da esposa — o que, entretanto, não se tem podido inferir dos depoimentos das testemunhas, — a policia nada tinha que vér com isso, nem mesmo agora, depois do crime perpetrado, porque essa causa remota não poderia constituir objecto de criminalidade.

Se a lei permittisse ou admittisse tal principio juridico, as prisões seriam pequenas e poucas para encerrar Exmas. sogras que perturbam a paz domestica, desarranjam o miolo, e espatifam a tranquillidade dos genros.

O caso offerece apenas uma solução; não ha que hesitar: recolhiam o criminoso a um hospicio de alienados — com tanto que não seja o pavoroso *Asylo* de Mendigos — e submettam-no a um rigoroso tractamento scientifico.

D'essa maneira talvez se possa salvar um homem e quiçá reconstituir uma familia.

Causou grande e profunda consternação a noticia, dada aqui pelos jornaes de 15, do pavoroso sinistro acontecido em Lisboa ao vapor francez *Ville de Victoria*, no dia 24 do passado, pelas 4 horas da madrugada.

Todos leram nas folhas diarias a descripção minuciosa d'esse terrivel naufragio, todos se commoveram com as peripecias tragicas d'esse espantoso decaastro.

A bordo do *Ville de Victoria*, na occasião do sinistro, tambem estavam quatro pessoas brazileiras: Galdino José da Rosa, a viuva Rodrigues da Silva e dois criados, uma preta e um mulato. Este ultimo morreu afogado.

A coragem com que se houve a viuva Rodrigues da Silva e á qual deveu a vida, foi verdadeiramente heroica, e a narração das peripecias por que passou são commoventissimas.

A chronica registra a triste e dolorosa impressão que lhe causou, como ao publico, esta horrivel tragedia. Ella passou-se longe de nós, mas o nosso espirito adivinha as angustias soffridas, e o nosso coração empresta-nos uma lagryma piedosa para os pobres mortos.

Para desanuviar a fronte publica (Caramba! bonita imagem) d'esta tristeza local temos recommçada a historia alegre da carne podre.

Os açougueiros, se fornecem a carne podre aos seus freguezes, em compensação vendem-lha mais cara. Fica uma coisa pela outra.

A mim, artista e poeta desde a copa do chapéu ás solas dos sapatos, não me desagradava inteiramente que a carne chegue estragada a S. Diogo, porque vejo neste facto a confirmação positiva de uma velha figura de rhetorica. Eu nunca pude comprehender por qual razão se chamava *verde* á carne de boi do consumo.

Nos tempos remotos em que os açougues vendiam carne em bom estado, ella chegava-lhes sempre vermelha, rubra, sangninea e elles affirmavam convictamente que aquelle genero era *verde*. Eu pasmava-me e ia remoendo o bife em silencio; attonito mas com muito appetite. Agora condoeu-se de mim a illma. Camara: Aquillo a que se chama *carne verde* é um genero perfeitamente verde, verde como o capim, verde como a substancia ignota da fabrica Fritz Mack! E' a decomposição ao ser-

viço da rhotonica; e o verme protogéido a poesia!

Exultae, postas! e lile apressurados ali ao collegio D. Pedro II cumprimentar o Dr. Carlos Franca e levar o oleo do vosso jubilo ao Sr. Dr. Velho da Silva.

Carre verde já não é unicamente uma imagem galante: é um genero real o pulpavel. Podeis servir-vos d'elle, tanto para estragar o espirito do vosso leitor —em verso, como para estragar o proprio estomago—em fricandó. Com rimas ou com batatas, em estrophes ou em picadinho, de qualunq. venenoso, corrosivo e mortal. A Camara protegervos, antes ou o Vateis! Adens, leitores pacientes! Au revoir, dyspepticos desesperados. Já vos não pôde salvar o sompo nem as aguas alcalinas.

FILINDAL,

< VINTE CONTOS >

Eis a carta que ao auctor d'oste livro dirigio e illustre e glorioso escriptor portuguez Camillo Castello Branco e cuja publicação promettermos em o nosso ultimo numero:

«Amigo e Collega

Recebi o 2º exemplar dos *Vinte Contos*. O 1º naufragou nas restingas de qualq. estação postal deste reino, onde é costume amanharem-se colleções de livros como d'antes na Falperra se arranjavam colleções de moedas, com um intuito não numismatico e menos scientifico que o do leitor pio que fez os quatro pés baixos sobre os *Vinte Contos*.

Realmente o titulo do seu livro, meu prezado romancista, é um visgo para saltadores. Quer seja 20 contos em réis, ou 20 contos em letras é necessario estar-se muito enfiado na varia litteratura para haver a certeza de que nenhum dos contos de Valentim Magalhães se desconta. Aqui, porém, ha ladroens para tudo que é contos. Bem vé.

Lit, com certeza, não acontece o mesmo; e, todavia, os typos dos seus rideutissimos contos parecem-me portuguezes genuinos. O *Sabugosa* é um sujeito meu conhecido e elastico: conheço um em cada villa d'este paiz, alfôbre de *Sabugosas*. O *Espirito forte* é aqui todo hmem que se preza, e que traz a intelligencia entapada de preconceitos, pendente do lalio com a grude de um sorriso zombeteiro. O *Senador Pitada*, o *Republicano Intransigente* não são tão vulgares, principalmente o segundo, porque em Portugal não ha ninguem que seja capaz de hospedar um republicano vinte e quatro horas, excepto os hoteis, e esses mesmos possuidos de grande desconfiança, sempre com o olho fito na mala do demagogo.

No seu pungente conto *Praça de escravos*, escreveu á margem: *Triste coisa!* No par: onde se escreveu este formoso livro, ha um quadro horrendo chamado *Praça de escravos*. E, no remate d'esse quadro, lê-se: «E estes espectaculos ainda se reproduzem no Brazil». Esta legenda, de Valentim Magalhães, é um protesto que seria vergonhoso, se não se ouvissem já os hymnos de triumpho.

O seu livro, pois, não se forma de contos na accepção banal da palavra; tambem não é um ramilbete de romances cõr de rosa bons para aromatizar as palpebras descabidas com somno. É um livro de philosopho que se

disfarça sob um titulo desprezencioso, a ver se os frivolos, levados do encanto, da banalidade «contos», se animam a ver os outros e a verem-se a si proprios nessa galeria de painéis. Mil graças e mil parabens pela sua fineza e pelo seu talento.

De V

Amigo mto grato

CAMILLO CASTELLO BRANCO.»

OS ARGONAUTAS

(J. M. DE ILHÉDIA)

De Palos,—como, a voar, orphãos do azul natal.
Os gregos não se—em chusmas, audaciosos,
A'vidos capilões, pilotos mysteriosos,
Partiram navegando, em piz de estranho ideal:

Vão conquistar, além, das minas do metal
Que Cypango entesoura, os veios fabulo...
Nonham, boiando em luz, paizes mysteriosos,
Praias, climas, regiões do mundo occidental.

Sulcam assim mar alto infatigavelmente...
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,
Esboçam construcções e torres de ouro no ar...

E elles á prua vão das altas caravelas.
Vendo si despenhar-se em turbilhões de estrelas
Todo o infinito céu sobre o infinito mar!

RAYMUNDO CORREA.

No artigo publicado em o numero passado com o titulo *A Critique* houve um periodo em que escaparam alguns erros de punctuação, que lhe alteram o sentido. Por esse motivo reproduzimo-o em seguida:

«Nesse artigo, aliás dos mais sensatos do auctor, ha iniquidades deste jazc...; nomear como dicipulos de Victor Hugo, sob a influencia directa de Castro Alves, Carlos Ferreira e Mello Moraes Filho, omitindo, —entre os nossos que reflectiram a grande luz da *Légende des Siècles* e dos *Châtiments*,—jos mesmos José Bonifacio e Pedro Luiz, os poetas do *Redivivo* e da *Terribilis Dica*, apenas citados como lyricos do grupo capitaneado por Alvares de Azevedo, —o Luiz Delfino da *Solemnis Verba*, e, entre os novos,—muito mais que Carlos Ferreira e Mello Moraes Filho,—Assis Brazil, Afonso Celso Junior, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier; etc.»

DAMA DAS CAMELIAS

Eis o novo prefacio que Alexandre Dumas escreveu em forma de carta ao Sr. Calmann Levy, para a nova edição illustrada do seu celebre romance e que, em o n. 105, prometteramos publicar:

«Meu caro Calmann,

Pede-me o meu amigo um prefacio para uma nova edição illustrada da *Dama das Camélias*. Dirige-se exactamente ao unico homem do mundo que não pôde dizer nem bem nem mal d'este livro. Janin contou de Maria Duplessis tudo o que havia a contar; até mesmo floreu, por aqui e por ali. Pela minha parte recordei no prefacio da peça e nas notas da *Edição dos actores*, tudo o que a minha memoria conservou d'essa bonita rapariga que teve na minha vida litteraria tão grande influencia, pois que lhe devo o meu primeiro successo em romance e o meu primeiro triumpho em theatro. O Sr. de Contades publicou, muito recentemente, na revista *O Livro*, uma serie de estudos e de notas biographicas d'ella, das mais exactas e interessantes; nada mais tenho a dizer. Como escrevi esse livro, em tres semanas, ao canto d'uma meza, em Saint-Germain-en-Laye, num quarto que eu pagava a um franco por dia, na hospedaria do *Cavallo branco*, a unica hospedaria que encontrei aberta numa noite em que perdi o comboy, não contei já

isto tudo? E então acham isto interessante? Vale mais a pena fazer reflexões philosophicas sobre a prostituição e a funesta influencia das cortesãs? Não; pois não é assim? Bem, lá vai então a historia do nascimento d'esse livro!

Tinha perdido pois o comboy e fui passar a noite no *Cavallo branco*, situado na rua principal, ha perto de trinta e sete ou trinta e oito annos. Ia na minha companhia um amigo que fora jantar comigo a Monte Christo, a casa de meu pae. Cada um de nós alugou um quarto uossa hospedaria, cuja clientola era composta dos cocheiros e conductores das delicias que faziam carreira entre as povoações proximas.

Quando despertimos no dia seguinte, estava um dia lindo. Em vez de voltar immediatamente, tivemos a idéa de ir a casa de Ravelet alugar cavallos para darmos um passeio no bosque. O meu amigo não conheceu Ravelet. Pois tinha pena. Ravelet era dono de um picadeiro, ou antes de uma cavalleria, na primeira meza laranja do terraco Saint-Germain. Era celebre na nossa geração. Comprava todos os cavallos rejeitados que se vendiam por escoucearem, empinarem-se, enfurecerem-se, na guarnição de Saint-Germain, e vinha gente expressamente de Paris para os montar. A trinta soldos por hora, todo o verão, desde as sete horas da manhã até ás nove da noite, eram bem depressa corridos dos vícios que os tinham feito excluir do regimento. Punha-se-lhes indifferentemente selins de homens ou de senhora. Logo que eram montados pelos seus cavalleiros ou pelas suas cavalleiras, faziam-se sahir á chicotada, e lá se ia a Deus e á ventura! Graças á mocidade e ao riso não succedia mal nenhum. Nem todos cahiam, e se cahiam levantavam-se. Bom tempo!

Esta casa Ravelet era, como podc imaginar, um local de entrevistas.

De 1810 a 1860 —epoca na qual, segundo creio, as modificações que se introduziam no terraco fizeram desaparecer o seu estabelecimento,—Ravelet vio desfilar nos seus cavallos todas as virgens loucas da vida parisiense, entrando nesse numero Maria Duplessis, que era uma das frequentadoras do sitio, e cuja natureza febril se comprazia com esses passeios á desfilada.

Lembre-me ainda de uma historia divertida a proposito de uma cerejeira que constituia o mais bello ornamento do pateo d'essa cavalleria. Um dia, chego e eu digo que me arranjam um cavallo. Enquanto espero, pergunto a Ravelet se posso subir á sua arvore para comer cerejas. Ravelet era muito fleumatico. «Pode, respondeu-me elle; já lá está gente em cima.» Vejo com effeito uma escada encostada á arvore; subo, e dou com uma mulher nova, bonita, apezar de ser trigueira como dizia o meu amigo, esarrancada á vontade entre dois ramos e comendo muito tranquillamente cerejas.—«Dá licença, minha senhora? digo-lhe eu.—Pois não, com todo o gosto.» E ahi começámos nós a comer cerejas e a conversar de todas as cousas sobre que podem conversar, numa bella manhã de Junho, um rapaz de vinte annos e uma bonita rapariga que se encontram em cima de uma cerejeira. Ha quatro ou cinco annos, entro numa loja de antiguidades para comprar um espelho Luiz XVI. Encontro uma caixa muito amavel, com os cabellos a esbranquecer ou mesmo brancos, mas com uns olhos negros ainda vivos e uns bellos dentes ainda brancos. Dizia commigo: «Já vi esta cara nalguma parte.» Ella olbava para mim sorrindo. Examinei-a de tal maneira que ella sente que estou na pista de uma recordação. «E' isso, e diz-me ella, a cerejeira de Saint-Germain!»

O meu amigo, vendo o lindo tempo que estava, foi de opinião que passassemos ainda dous ou tres dias em Saint-Germain. Propoz-me ir buscar a Paris tudo de que precisavamos em roupa branca e facto para essa villegiatura improvisada. Nesse intervallo, iria eu visitar meu pae, a casa de quem eu o convidava a vir passar uns dias commigo, em vez de ficar no *Cavallo branco*. Mas elle recejava incomodar o auctor dos *Mosqueteiros*; e depois, a visinbança de Ravelet, dos cavallos, da cerejeira e de todas as consequencias que essas diferentes cousas podiam trazer, tinha para elle um atractivo superior. Apenas partio, apenas me achei só nesse terraco onde tinha passeado tantas vezes com Maria Duplessis, puz-me a

a pensar nella e voio-mo no espirito a idéa de escrever a sua historia, ou antes uma historia a proposito d'ella, e tão imperiosamente que comprei tres ou quatro cadernos de papel grande, penhas, tinta, e voltei para o meu quarto do vinte soldos, onde comeci esse livro, enquanto esperava pelo meu amigo. Quando veio jantar, achou-me atarefado no trabalho, e com tal calor que eu não quiz partir de Saint-Germain sem ter escripto uma palavra. Foi negocio de tres ou quatro semanas.

O meu companheiro acabou por se interessar com o meu trabalho, que elle passava a limpo á modica que eu o escrevia, com a condição de que lhe havia de dar o meu manuscrito original. Dei-lho com effeito, e elle levou-o consigo numa viagem que fez ás Indias, muito antes da abertura do canal de Suez. Ora nas paragens do Cabo da Boa Esperança, o navio foi assaltado por uma violenta tempestade, tal que se alijou tudo quanto se poudo ao mar para o alliviar. O manuscrito da *Dama das Camélias* estava numa das malas sacrificadas! Que bonito fim!

Terminado o romance, levei-o a Cadet editor, que me recebeu como tinha por costume receber os escriptores que trabalhavam para elle e pelos quancs se dizia arruinado quando lhes comprava um volume inédito por quatrocentos ou quinhentos francos. Consentiu, depois de muitas difficuldades, em me dar mi francos pelo meu livro, para uma edição em dois volumes em octavo, de mil e duzentos exemplares, que vendeu até ao ultimo. Tevo a bondade depois, mediante duzentos francos, de fazer uma segunda edição em doze, de mil e quinhentos exemplares, que vendeu tambem; mas, quando lhe propuz fazer terceira edição, mandou-me passear. Segui o seu conselho e, ao p-a-sar pela rua Vivienne, entrei no estabelecimento de seu irmão Calmann, que acolheu definitivamente a minha heroína, que a casa Quantin via apresentar do novo ao publico, mas enfadada, d'esta vez, com os mais bellos adornos que nunca teve.

Obrigado por ella, seja feliz.

Todo seu

A. DUMAS, FILHO.

POESIA E POETAS

«NENUPHARES» POESIAS DE ALFREDO DUARTE, S. PAULO — 1886.

Formam os *Nenuphars* o primeiro livro de um moço de talento e do quem muito deve esperar a nossa litteratura. São menos de 100 paginas, graciosamente impressas, onde se sente pulsar o coração de um poeta, ora ferido pelo amor de algum cuja belleza tenta pintar, ora extatico ante as paizagens tropicaes da nossa natureza, ora revoltado contra a escravidão, que desgraçadamente ainda vivia o nosso systema social.

São os *Nenuphars* as primeiras impressões do Sr. Alfredo Duarte, que, como estreante, não vé ainda, em geral, o mudo com personalidade; os versos, são correctos e harmoniosos; mas não se sente de vez em quando a scintillação de uma idéia nova, o brilho de uma inspiração virgem.

Grande parte dos seus sonetos acabam como começaram, e, findos os versos, não sente quem os lê impetos de esreler.

O grande defeito dos *Nenuphars* é a egualdade de tons, sempre brandos e fracos; não ha um brado de dor ou de alegria ou de indignação; tudo é pintado a meias tintas; d'ahia monotonia.

Ha, entretanto, neste livrinho paginas bellissimas e que satisfazem plenamente como *Recuerdo*, *O teu amor*, *Na fazenda*, *Ausencia*.

Theophilo Dias, o grande poeta da *Comédia dos Deuses*, prefaciando os *Nenuphars*, disse com muita verdade, que elles revelam inspiração espontanea e original e, o que é raro em auctor novel, preocupação pela forma, mas nem a originalidade é frequente, nem a forma a todos os respeitois impecavel.

O auctor dos *Nenuphars*, o Dr. Alfredo Duarte, formou-se o anno passado em S. Paulo; o seu livro representa

portanto o trabalho das horas de folga que lhe davam as Ordenações do Reino e as Notas a Mello.

Sahio da Academia com a ultima pleiade de poetas do que faziam parte Dina da Rocha e Vicente de Carvalho, deixando somente a W. de Queiroz, Emiliano Perucetta e Eduardo Chavea a incumbencia de, como as vestes do Roma, conservarem o fogo das auras gloriosas tradições.

Deixou a Academia, a bom soru que tambem não deixa as Musas, para aa quaes tom aptidão como revela com o livro que temos ante os olhos.

Para prova veja o leitor estes

DESEIOS

Oh! quem me dera vel-a eternamente, Em toda a parte, a cada instante vel-a, Sentindo a vida deslizando pela Trilha em que a vida corre-lhe contente.

Esse desejo enorme do querol-a So mais aumenta é que em minha alma ardente

Brilha a sua alma, como num dormente Lago refugio a diamantina estrella.

Posse-me embora esta existencia rude, Posse-me a sorte desdoltosa enhora, E o mundo a mim só magoa concedesse...

Alegremente as cordas do alaúde Eu vibraria, enquanto a protectora Douc expressão dos olhos se tivesse.

Lido esto soneto é forçoso que se conclina comoigo que o Sr. Alfredo Duarte tem talento a pode-nos dar muitn coisa boa, de que ficamos deade já á espera.

Rio, Janeiro de 87.

RODRIGO OCTAVIO.

« CANTOS TROPICAES » (VERSOS) POR HONORIO MONTEIRO. PERNAMBUCO — 1886.

Esta collecção de poesias, — aquo por um lembrança se dou o mesmo titulo do um dos mais bellos livros de Theopbilo Dias, — tem — na idéa como na forma, na inspiração como no modo de dizer — um pronunciado cheiro de mofo, um desgostante sabor de velharia.

As composições são de 1868 — 1884, sendo quasi todas do periodo comprehendido d'aquelle anno ao de 1879.

O Sr. Honorio Monteiro é um directo descendente de Casemiro de Abren. Canta na lyra d'ello, seguindo a mesma corrente de inspiração, arrebrandollhe a plangencia, os pesadumes, a affectação sentimental e as proprias imagens e expressões, ás vezes.

Provas :

« E' minha mãe que me floresce a vida, « Rosa sentida, que fugio dos céus; « Anjo, que enleva me propina infintos, « Que em sonhos lindos me revela Dens.

« Quando dor, vindo sobre o pobre leito « Sinto em meu peito reclinar-se algueu « N'ardente fronte me depondo num beijo, « Acordo e vejo minha boa mãe.

Na poesia Folhas soltas :

« Pobre mendiga de affeições, est' alma « Perdera a calma a procurar laureis. « E a vida, os sonhos, os brazes do estudo, « Foi tudo, tudo te arrojara aos pés.

« A mocidade, as ambições da gloria, « Pastos da historia de um viver fugaz, « Tudo to dera, te ofertara o luoco, « Achara pouco, procurara mais.

« Qual a paga que eu pedira « Em troca de tanto amor? « Não pode — o dizer, ó flor, « As debéis cordas da lyra, « Nem min' alma que suspira « De tristeza, de amargor. »

O poeta, além de não ter personalidade, de ser um intelligente repetidor dos crues e queixumes de Casimiro, e, como elle o foi tambem, pouco instruido, incorrecto, descurioso da grammatica, apezar de ser professor, ou talvez por isso mesmo.

Colloca péssimamente os pronomes e tem d'estes erros: «as debéis cordas etc. não pode o dizer », «doachinho, «o ndo quieto dormia d' tantos annos », « de

um corpo angelical que a muito ali repousa, de unica mulher que mais amei na vida », « A' Martins Junior », « pois pra formar-te se estancira os céus », e este, que é engracadamente significativo.

« Algum cavalier « Que ande em hõa roda, « Que trage sempre a moda, « Euzc um pince-ner.

« Pince-ner » para rimar com « cavalier » — perfeito!

E' innegavel, contudo, que o Sr. Honorio Monteiro, apezar de tantos senões, é uma alma inspirada, simples, ansiosa de ideal, enferma, como tantas outras, da mania sublimae de poetar.

São do poeta estes versos das Definições :

AMOR

Doce bem, que aos mortacs gozar é dado Ao menos uma vez, mas bem terreno, Ephemero e fallaz qual bem sonhido

Som que inspira e seduz, suave e ameno, Em labios de mulher favo doirado, Que tem sabor de mel, mas que' veneno.

Dezembro de 1874.

II

AMOR DE MÃI

O amor, que embala rindo a criancinha loura, Que dorme, brandamente aconchegada ao seio, Como em lenço de arminho enrubecida aurora, Amor todo esparuaça, amor todo receio.

Amor, que não tem fim, amor grande e fecundo, Que é forte como o cedro e fragil como a flor; Que tem por patria o céu e tem por berço o mundo, E' esse o amor de mãe, abençoado amor.

Março de 1875.

E é realmente bello, tem frescura, cor, luz, movimento o seguinte soneto; ou cousa que o valha :

SCENA CAMPESTRE

Já declinava a tarde vaporosa; embebia-se o sol no azul poeate, e a natureza, placida e dormente, abria um coração em cada rosa!

Na laraqueira anosa do caminho, que levava ao distante povoado, iam as aves procurar um ninho.

Pela antiga porteira no cercado, e obedecendo, á voz de um pastorzinho entrava lentamente o manso gado.

E de tosa cabana no terreiro, onde a flor d'acafraõ abria a crolla, cantarolava um rustico tropeiro acompanhando a chula na viola.

Outras bellas quadrinhas :

« Pois, para que negal-o? Nada se vio assim Causar maior abalo Que um teu sorriso em mim.

« Se acaso tranluzia Em teu olhar a fé, Que o teu olhar mentia Acreditava até. »

E este

IMPROVISO

« Grande como a extensão, que leva a terra aos parames do céu, no azul do espaço, é este amor, que o coração encerra, e que me prende a ti, bem como um laço forjado de formosas pedras finas, de saphyras, topasios e brilhantes, e que se encontram nas profundas minas dos corações sensíveis dos amantes. »

Conclui-se : o Sr Honorio Monteiro para ser um poeta original, inspirado, singelamente agradável, npenas precisa de uma cousa: varrer da memoria o cantor do Amor e Medo e, como Musset, beber em copo seu, propriamente seu, embora pequenino. Com o seu talento poetico, com a facilidade que tem de

fizer o verso e gostando tanto de poetar, é imperdoavel que não tenha lyra propria.

Em meio dos poetas affectados, torturados, artificiaes, d'este nosso tempo, um cantor singelo, inspirado, novo, natural, consequiria a fama e o prestigio de nunca assaz limitado e reproduzido chorulor das « Primaveras. »

E porque não ha de ser o Sr. Honorio Monteiro esse poeta?

VALENTIM MAGALHÃES.

O DINHEIRO

A FELINO D'ALMEIDA

A claridade de um bello dia morno e doce, espalhava-se brandamente pelo salão, beijando e acariciadora as cabeças encanecidas e severas de uns retratos a oleo pendentes da parede. No largo espelho ao fundo reflectiam-se as flores artificiaes da jardineira erguida ao centro pelos braços arredondados de uma estatuetta de jaspé. Sobre uma mesa, a um canto, como um protesto, erguia-se airosamente numa aqueceu de vidro, com toda a sua candura natural, ao lado de um livro aberto, L'amour, duas La France esplendidas. Na estante do piano aberto, uma musica interrompida por enfado da pianista, e ao lado, numa cadeira dourada, um conego de bordado, esquecido pelo mesmo motivo que a musica. Em tudo a prova palpavel da pobreza mais desconsoladora das doencas, — o aborrecimento. Fazia exactamente vinte annos, que Helena, a elegante burguesa de formas esculpturadas, se casara sem amor com um negociante rico, fagindo de ouvir repetirem-lhe sensatamente no ouvido a palavra — Economia, que a fazia estremecer de horror!

« Havia exactamente vinte annos que julgara libertar-se para sempre d'aquella vida apertada, travosa, ameaçadora e tyrannica como um carcere, — a pobreza; e, como do proposito, o destino, o mais feoz dos mestres, escolhera essa data para cortar-lhe o caminho luminoso e brilhante por um pavoroso abysmo — a ruina.

Tremendo fatalidade! Justa punição. Por isso Helena passelava febrilmente, de canto a canto, cerrando apertadamente os dentes.

A multidão graciosa dos seus bibelots dispersos nas prateleiras de crystal das tagetas, nas paredes, nos dunquerquees, no chão, pareciam-lhe vir-se d'ella ironicamente, tiltuando á tremura que os seus passos nervosos, mudos, irregulares imprimiam ao soalho de mosaico e polmeato.

E ella olhava raivosa e excitada para as ingenuas pastorinhas á Pompadour, as chinezas dos vasos, e dos pratos antigos, as figuras em relevo dos meates...

Nesses desordenados passeios foi encontrada a filha.

A mãe olhou-a sem meiguice, interrogativamente, como a dizer com impertinencia:

— Que vens cá fazer? Evelina, por unica resposta, aproximou-se serena e poz-se nos bicos dos pés para beijar-lhe a fronte. Aquella serenidade fez que recrudescesse de agitação. Continuava de um lado para o outro num gyro entontecedor, como nma hyena em jauls apertada, sentindo um ferro em brasa a queimar-lhe as carnes... Subito parou perto da filha, e como doida desdobrou aos olhos da altoaita criança todo o seu passado...

As palavras succediam-se cortadas pela respiração offegante. Não amara o mundo, elle não fora mais do que um meio de que se servira para elevar-se de uma posição precaria a outra de conforto e de luxo... Accusava-o, amesquinhava-o, plava-o... Amaldiçoava o instante em que aos pés do altar lhe dera o sim... Dizia-o escrupulosamente, brutal, ignorante: casara-se não com elle, mas com o seu dinheiro; logo que esse dinheiro desaparecia, considerava-se viuva. Não queria vê-lo nem ouvir falar d'elle. Que vergonha! que ignominia!

Se eu o tivesse amado, concluiu ella, se eu o tivesse amado... resignava-me; mas aborreci-o; mas nunca o amei!

Evelina cortava o barbaço discursivo com exclamações indignadas: « Não me dá... ao principio; não... a ra! depois.

Não havia dique possivel para aquella cholera que explodia correndo impetuosa. O accesso durou muito tempo, a crise tornou-se a mais e mais violenta, até ás convulsões caracteristicas da hysteria.

Evelina amparou assustada a nua feia deitar-se, desaperçou-lhe o vestido, desprontou-lhe as sobeiras tranças negras, que se estenderam como duas serpentes no semicor do corpo fulvo. Levou, puxou-lhe uma mancha de casaca até aos joelhos, agitou-lhe as almofadas, e só sahio quando Helena, com um gesto, apontou-lhe a porta, fingindo querer descançar.

Atravessou então o aposento em bicos de pés, deixou entreberta a porta para recullir ao mais leve chamado e encostou-se á janella de uma sala proxima.

Faltava-lhe o ar. Sentia-se vaziada de chumbo. Um peso superior ás suas forças cahia sobre ella e dominava-a. Olhava para tudo como se estivesse no escuro; nada via. Estava-lhe batucando o coração, como se de chibit não se pudesse viver mais facilmente.

Assim esteve muito tempo envolvida numa onda negra e gelida que a afogava e com que não lutava porque a sentia esmagadora sobre o peito.

A pouco e pouco a luz chegou-se aquella massa negra; Evelina respirou com mais força e demorou os olhos na passagem, abstratamente.

No espaço azul brunido nem uma nuvem, nem que fosse; uma limpi luz tão pura, tão immaculada, tão bonita! Em baixo, no jardim, entre cantos largos e concavos de relva, semeões de grupos de rosellas, e aquecenas e de fuchsias, nadavam mansamente num lago dois cygnos brancos.

Havia tantos annos que Evelina os conhecia ill! Mais alem, nos grossos galhos de duas mangueiras copelias, o bulgilo dzio, onde tantas e tantas vezes brincara, parecia-lhe agora um força silenciosa em que se estranguilavam todas as auras algrias!

E cantavam os passarinhos, os passarinhos ingratos!

Então, pensava ella comaigo, olhando para o elegante jardim, eu gostei tanto isto não porque minha mãe amasse meu paé, mas porque desajou o seu dinheiro... o seu duobrio!

E voltavam-lhe á memoria, obstinadamente, as palavras da mãe, aquellas expressões envenenadas que lhe tinham feito tanto mal! essa confissão subita, impetuosa, ferina, de uma verdade revoltante e baixa.

A ambição de halito impuro e olhar de fogo, viera aquella coração que ella queria o mais puro, o mais perfeito, o melhor de todas as mulheres! Em vez do amor, o amor sancto, o amor sublime, que é o hymno triumphal, o espontaneo grito usana nos dorados tabernaculos do ideal, da verdade e da luz; em vez do amor, que consola os tristes e fortifica os bons, que é o balsamo das grandes luctas e o supremo poder; em vez do amor, que faz illuminado e ridente o casebre toco do lavrador pobre, que transforma o mais rude alimento no mais fino manjar, o mais duro leito no mais fôfo arminho, o peor tecido na mais linfa e delicada trama, kaleidoscopio magico, tornando scintillante e preciosa a mais humilde coisa; em vez do amor, que tão bem comprehende as flores, os ninhos, as estrellas, que é sagrado e suave como uma benção da invisivel e sancta mão de Deus; o amor, como o senti a pobre Evelina a desabrichar no seu ingenuo coração, docemente, como desabrocham, aromatizando subtilmente o ar as modestas flores dos prados; em vez desse amor justo, digno, leal e verdadeiro, tivera a mãe na sua mocidade, por sonho de futuro, como flôr de toia a felicidade na terra — o dinheiro... o dinheiro, unica e exclusivamente o dinheiro! Miseria!

Evelina cortava de vergonha, como se aquelle venal que lhe abalava a alma lhe vergastasse o rosto.

O paé, o amigo sincero que vivera para o trabalho e para a familia, tornou-se para ella um idol!

Elle, muito mais velho! que a esposa; elle, honesto batido em guerras acérrimas, vencedor tantas vezes, vencido agora, tivera por ambição... o

afecto de uma menina pobre, accitando num candidez d'alma boa os seus protestos de amor e de fidelidade eterna!

O mundo tem desses dramas, infelizmente communs. Evelina é que os não comprehendo. A fatalidade deu-lhe um exemplo perto e doloroso. Agora vin que o dinheiro não é só o positivo da vida, a magna lucta da sociedade mais, é a maxima gloria, a unica felicidade que sonham attingir os que não têm a alma outra riqueza.

Osol illuminava brandamente a terra, como uma caricia maternal. Brillavam reluzentes os comoros reivosos do jardim. Esvoaçavam entre flores as borboletas alegres, doidejantes; e Evelina, cercada de confortos e em plena mocidade, invejav a mais bumlde das mulhieres, que entrando descalça em casa, vinda do trabalho ao sol, ao vento ou á chuva, visse sentados ao lado um do outro os paes, com as mãos entrelaçadas, em mais doce e serena intimidade.

JULIA LOPES.

O MEU CANARIO

A. D. ADELINA PEREIRA LOPES.

Canora gemma de ovo, o meu canario Solta á luz da manhan seu meigo canto; Encrespa as jaides plumas do aureo manto Dos soas o doído e fino lapidario.

A multidão, que segue o seu fadario, Indifferente passa e corre, enquanto Só eu comprehendo o singular encanto Das canções do poeta solitario.

Aquelle canto de saudades chora, Aquella doce voz, unvida e pura, Vae para as bandás d'onde nasce a aurora.

Assim minh'alma chora de amargura, Assim vae juncto a vós, minha senhora, Que juncto a vós está minha ventura. 20 de Janeiro, de 87.

FILINTO D'ALMEIDA.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Idyllo dos Reis—Sob este titulo chegamos de Portugal uma colleção de poemetos devidos á penna do illustre litterato portuquez—Alberto Pimentel. Camillo Castello Branco, o pujante escriptor e o luminoso romancista que todos conhecemos e admiramos, prefacia com sua prosa de ouro os *Idyllos dos Reis*.

A *ultima noite de Tira Dentes* é um poemeto dramatico que fez honra ao talento do seu auctor, o conhecido poeta Luiz Murat, nosso ex-collaborador effectivo, hoje redactor da *Vida Moderna*.

Como moulogo theatrical é talvez demasiado extenso, e tem, como obra historica—philosophica, fraqueza na caracterisação moral do personagem, de modo que aquella *ultima noite* tanto podia ser a do primeiro martyr da Liberdade no Brazil como a de qualquer outro heróe que por ella se sacrificasse em outro qualquer paiz.

Isto á parte, é merecedor o trabalho do Dr. Luiz Murat de francos applausos.

Tem alguns trechos de notavel vigor, a ideia é sempre elevada e nobre e o verso cor recto, fluente, harmonioso.

Um bello poemeto, emfim, e uma louvavel obra de justiça historica.

Veio-nos de Lisboa, offertado pelo auctor, um volume do segunda edição, revista e augmentada, dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães. É um bellissimo volume in-8º fr., de 222 paginas, prioritosamente impresso na typographia Elzeviriana de Lisboa. A edição é da casa Tavares Cardoso & Irmão, d'aquella capital, e está adornada com um bello retrato do poeta.

Este formoso livro do nosso distinctissimo patricio já foi soberbamente tractado pela critica, e consagrado pelo publico, que egotou a primeira edição, impressa em Roma em 1880.

Nesta segunda edição foi apenas

supprimida a poesia *Lenda antiga* e ha mais dez sonetos do que na primeira.

O novo livro é precedido de um brilhante prefacio de Filho d'Almeida, em que este escriptor ostuda rapidamente a evolução da poesia e faz a apologia das soberbas qualidades de Luiz Guimarães.

Sonetos e Rimas é um livro primoroso, de grande correção artistica, de uma poesia singularmente unvida de sentimento e de expressão, de um lyrismo moderno, suave e doce como um favo, um pouco melancolico talvez, mas sempre muito elegante, muito altivo, muito nobre. O poeta canta de preferencia os sentimentos ternos, os affectos de coração, a vida da alma. A paisagem, levemente esbatida e sempre cor de rosa, forma-lhe o fundo aos quadros galantes, onde o azul do céu apenas serve para o esvoacar das andorinhas e das pombas; onde os campos são a scena dos amores simples; onde o largo oceano é aproveitado para os idyllos nocturnos no tombadilho dos transatlanticos, á musica saudosa e amarga do marulho das ondas, sob a chuva de prata do luar melancolico, que fala da patria e dos ausentes amados, na profunda solidão tranquilla das aguas, em noites mansas e quentes.

Avultam nesta obra os perús femininos, vasados como que num molde unico, só variados nas cores e nos adornos, mas sempre com a mesma linha correctea e nobre do modelo amado que começa por aureolar de beijos vivos o poeta esposo, e vem ainda depois do insondado mysterio da campá, visão adorada, phantasma sagrado e augusto, depor o beijo terrissimo da saudade inextincta na fronte pendula do bardo viuvo.

Esta ternura suavissima é que é o segredo de Luiz Guimarães, e como parece encher-lhe toda a vida psychologica, preoccupa-lhe o espirito, fecunda-lhe a inspiração o bordão dos versos. D'ahi o ser elle um poeta todo feminino, sem energias masculinas, sem audacias e sem impetos. D'ahi tambem uma certa monotonia na sua arte, uma cansativa egualdade na sua forma. Como sentimento, não varia; não varia a estrutura do verso que o encerra; é o defeito da sua mais eminente qualidade de poeta lyrico; defeito só para artistas, entretanto, e do qual decorre para a sua obra uma egualdade esthetica muito apreciada pela critica pautada dos principios fundamentaes abstractos, mas que a boa arte condemna pela monotonia.

Não cabo nestas notas juizo mais amplo do formoso livro nem d'elle já necessita a brilhante reputação do auctor.

F.

JORNAL E REVISTAS

Mais uma publicação destinada á classe medica « *Progresso Médico*, revista mensal de medicina, cirurgia e pharmacologia ».

É seu redactor o Dr. Agostinho de Araujo. Tem 50 paginas este primeiro n.º, bom papel e boa impressão. Summario variado e muito interessante para os profissionaes.

Desejamos que sejam os louvaveis esforços do Sr. Dr. Agostinho de Araujo coroados por completo exito.

Bellissimo o n.º 288 d' *O Occidente*, que se publica em Portugal. D'entre as gravuras que ornão este n.º, destacam-se as que têm por titulos— *A Vara de Arão transformada em cobra e Os campinos* (supplemento) que é cópia de um quadro de Silva Porto. Em homenagem a este distincto pintor, traz *O Occidente* o seu retrato na primeira pagina, acompanhando-o, no texto, por umas linhas firmadas por Caetano Alberto.

Illuminam a parte litteraria d'esta importante revista as pennas de Gervasio Lobato, Monteiro Ramalho e Brito Rebello.

Publicou-se no sabbado ultimo o primeiro numero, da 2ª phase do *Jornal dos Economistas*, revista quiazenal, cuja redacção acaba-se a cargo dos Srs. Silva Figueiró e Dr. Joaquim José de Siqueira. Do artigo *O nosso programma do Jor-*

nal dos Economistas, o leitor facilmente comprehenderá o quanto é imprescindivel a existencia de uma folha que se occuppe exclusivamente de assumptos que digam respeito aos nossos interesses economicos.

Neste numero lemos um bem elaborado artigo sobre protecção aduaneira e outros mais de utilissima leitura.

Desejamos que d'esta vez o collegu encontre elementos para uma vida mais longa, uma vez que a merece.

Fazemos sinceros votos para que não lhe sejam indifferentes os economistas e... os economicos.

Está publicado o primeiro numero do *Il Brasil*, revista agricola, commercial, industrial e financeira, sob a direcção e redacção do Sr. Pietro Mallan. Recomendamos, muito principalmente á colonia italiana, os importantes artigos da nova publicação.

O n.º 1º do 16º anno d' *A Estação* é uma soberba promessa do muito que tem de bom a produzir esta *estação* do anno da imprensa—em flores e fructos. (Desculpem a insolencia do trocadilho: saltou-nos do entusiasmo).

Alem de vasta sementeira de moldes, figurinos e desenhos diversos, traz augmentada a sua parte litteraria, da qual pedimos venia para transcrever em outro numero d'esta folha uns bellos versos de Lucio de Mendonça.

Parabens ao bonrado Sr. Lombaerts pela brilhante carreira da sua revista de modas.

Acaba de apparecer o primeiro numero d' *O Brazil Medico*, importante revista hebdomadaria, sob a redacção principal do conhecido facultativo Dr. Azevedo Sodré. *O Brazil Medico* é collaborado por alguns dos nossos melhores e mais conhecidos clinicos. Isso é o quanto basta para saber-se que contem artigos de subido valor, os quaes não devem passar despercebidos.

Contém o numero 5 do *Jornal do Domingo*, além de alguns trabalhos litterarios dos nossos melhores escriptores, um bom artigo sobre o journalismo, assignado pelo Sr. Manoel Carneiro.

A *Procellaria*, n.º 2—Como o numero anterior, a excellente revista de Julio Ribeiro traz artigos de subido valor, cuja leitura recommendamos, especialmente o primeiro, que é magistral.

Lombard Street, n.º 1—Util publicação mercantil sob a redacção do Sr. José Ricardo Moniz.

Terça-feira, 25, apparecerá o primeiro n.º das *Novidades*, folha diaria, de redacção de Alcindo Guanabara e Moreira Sampaio.

Esperamol-a com a mais viva sympathia.

Consta-nos que o Dr. Augusto de Castro não desistio da ideia de fundar e dirigir um jornal diario, tendo feito já para á Europa a encomenda do material typographico.

Todos reconhecem as grandes aptidões jornalisticas d'aquelle provecito collega; mas, jornalista formado no velbo, rotineiro e pesado *Jornal do Comercio*, terá o Dr. Castro (Augusto) a necessaria habilidade para uma folha pequena, viva, interessante, variada, leve, espirituosa, moderna, emfim? *That is the question.*

O n.º 448 da *Revista Illustrada* (que, por signal, está muito interessante com o seu *Zé Caipora*) dá uma extensa e minuciosa noticia do banquete com que commemoramos a entrada d' *A Semana* no seu terceiro anno. D'essa noticia transcrevemos os ultimos periodos por que ahi se encontram informações que nos esquecem ministrar aos nossos leitores. Fazendo-o, confirmamos a verdade de todas ellas. Fala o collega:

« A mesa, ornada com gosto, repre-

sentava a 1ª pagina do nosso collegu apoiada sobre as quatro columnas que lhe sustentam o titulo.

A festa correu ininteravel de contentamento, como nesses reciatos paradisiacos em que as sombras diaphanas dos grandes homens divagam, encoantran-se, mas não podem brigar.

O menu era dos melhores. Damos um extracto, para que os leitores possam fazer uma ideia dessa bella festa:

POTAGE

Purée aux oignons d'Egypte.

RELEVÉS

Poisson d'Avril.

Suprême de gibier du Maranhão.

ENTRÉES

Beuf garni aux Abonnés.

Paté de foie gras à la Munchausen.

ROTIS

Canards truffés, à la Gascogne.

Jambon de Pachyderme.

COUF DU MILIEU

Punch can-can de journalístes.

ENTREMETS

Plum-pudding aux Hoges mutuels.

Blanc-manger à la diplomate.

PIÈCE MONTÉE

Galions de Vigo.

DESSERT ASSORTI

VINS: *Champagne frappé* (Fritz Mack), *Porto de 1820* (A. C.), *Rhum Jamaïque*, *Madeira*, etc.

A festa esteve divina, e não seremos exaggerados comparando-a a um sonho, um encanto, uma scena das mil e uma noites, reinando, sempre, a maior cordialidade. Felicítamos os nossos collègues por essa bella lembrança e por não ter haavido indigestões.

Muito obrigados á *Revista* e especialmente ao amigo *Blick*, auctor da noticia.

S.

A UMA MENINA LOIRA

Refulge a me deslumbra o teu aureo cabelo, Criança, meigo ser, alma angelica e pura, Quando te vejo a rir, encantado por vel-o Tão loiro e a fulgar como a aurora fulgura!

Uma estrella talvez que da azulada altura Cahisse cá no mundo o fez assim tão bello! Decerto com uma estrella a tua formosura Deus um dia acabou, todo amor e desejo!

Não sei porque é que a vida, ó criançainha loira, Quando a subtile luz do teu cabelo a doira, Neste mundo me faz risonho e satisfeito!

Quem dera aos olhos meus verem-te eternamente! Quem me dera viver a contemplar somente Esse cabelo teu de fulva estrella feito!

17 de Janeiro de 1887.

ARTHUR MENDES.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

CONGRESSO BRAZILEIRO

A chuva torrencial do sabbado não impedio que o sarão—concerto do Congresso Brasileiro fosse enormemente concorrido, taes e tantas são as sympathias de que mercadamente gosa a distincta associação.

O programma da parte musical foi brilhantemente executado, distinguindo-se, no desempenho de diferentes peças, as Exas. Sras. D. D. Rozalina de Lima e Eugenia Gamba, applaudidas amadoras.

As danças que se seguiram ao coacerto só terminaram ao romper da madrugada, prova evidente da animação e jovialidade que reinam sempre nas festas do Congresso, o que, em grande parte, é devido á amabilidade e gentileza da digna directoria para com os socios e convidados.

LORNON.

PAGINAS ESQUECIDAS

CANÇÃO

*Isto canta-me dentro, enche-me o coração
 e ae-me por alma afóra...*

Alberto de Oliveira.

*Não! Não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto,
 Enquanto fores minha e meu o teu amor!
 Jámais blasphemares a Luz e ao Sor, enquanto
 No coração sentir o teu calor, ó ar,
 O teu perfume, ó flor!*

*Vives? — o meu viver é limpido, suave...
 Amas-me? — A existência é um canticão de amor!
 Como surri o azul! Como cantam as águas!
 Como me brilha n' alma a tua voz, ó ave,
 Tua pureza, ó flor!*

*Vejo-te?... — que é que exprime esta palavra:
 «mágoas»?*

*Sorris-me? — o vendaval é um astro a rutilar!
 A Vida é uma ovação, o Universo — um beijo!...
 Sinto falar-me Deus, ó flor, no teu bafejo,
 Ó ave, em teu cantar!*

*Choras? Vence-te a dôr? Vêrgas ao soffrimento?
 Ah! Já sei o que são pranto, mágoas e dor...
 O céu, piedoso e bom, ruge neste momento...
 Dão-me a idéa da Morte, ó ave, o teu lamento,
 Tua tristeza, ó flor!*

1880

VALENTIM MAGALHÃES.

THEATROS

Ah! se o publico soubesse da grande surpresa, do precioso mimo artistico que o Vasques está preparando para lhe offorecer na noite do seu beneficio! Nós, que somos talvez os unicos ou, pelo menos, fomos os primeiros, a saber do grande segredo, — nós nada podemos revelar porque ella, o endiabrado Vasques, a grande Vasques, não quer e absolutamente prohibe que se diga alguma coisa a tal respeito.

Nada diremos por enquaato. A não ser isto: que o novo trabalho que elle está preparando é digno do seu grande talento e que com elle o discipulo de João Caetano se ha de mostrar mais uma vez digno do mestre.

LUCINDA

Neste theatro estreou-se ua quarta feira uma nova companhia dramatica sob a direcção do conhecido actor Boldrini. A peça escolhida para a estreia foi *O Corcunda*, grande drama em um prologo e oito quadros, de Féval e Bourgeois. E' uma peça dos moldes que mais agradam ao publico em geral; tem grandes lances, situações violentas, scenas espantosas e terriveis, luctas e assassinatos, raptos e todos os ingredientes com que se guizam os dramas de sensação.

A nova empresa empregou na montagem todos os recursos de que podia dispor. Os vestuarios, a Luiz XIV, são regulares, e os scenarios do habil scenographo Colliva são muito bem pintados e de bello effeito, especialmente o do segundo quadro.

O desempenho, diga-se a verdade, não foi sublime; mas, em todo caso, não desagradou ao publico, que por vezes o applaudiu com furor.

Boldrini foi bem no papel do cavalleiro de Lagardere (protagonista) fazendo-se applaudir em varias situações. Dos seus companheiros distinguiram-se Heitor, Teixeira, Santos Silva, Primo da Costa e Peroira.

Claireville foi uma Aurora muito ingenua; Maria Maia foi uma discreta de Caylus; Maria do Rocha uma estalajadeira desembaraçada; Branca uma cigana mentadora; Guiomar e Leopoldina muito graciosas nos papeis de pagem e de Toiô.

RECREIO

Continuam com *A Roubadora de crianças* e ensaia o grande drama *Uma família phantastica* e a comedia franceza *O tio*, traduzida por Figueiredo Coimbra.

Dizem-nos que *O tio* é uma comedia engraçadissima, cheia de erva, e que ha de ser uma dos grandes successos do Recreio.

PRINCIPE IMPERIAL

A *princesa Azulina* tem feito boa carreira n'este theatro. O Machado agora vae tambem atirar-se ás revistas e prepara para Fevereiro proximo o *Zé Caipora*, revista do anno passado, escripta pelo nosso collega da *Diario de Noticias* Dr. Oscar Pejerneiras.

Pessoa que assistio a alguns ensaios affirma-nos que o *Zé Caipora* dispõe de elementos seguros do exito, que tem muitissima graça e situações inteiramente novas neste genero de peças.

PHENIX DRAMATICA

Cremos que bem aviesda andou a empresa d'este theatro, montando o drama phantastico *O espectro*, traduzido e accomodado á scena portugueza pelo Sr. M. Zagallo. A peça, de uma contextura que prende, do principio ao fim, a attenção do espectador, está cheia de scenas commovedoras, e de lances perfeitamente preparados, sendo peça, porem, que o Sr. Zagallo aão a expurgasse um pouco de algumas scenas que, por inuteis ou por muito longas, se tornam enfadonhas, prejudicando o entreocho geral do drama. Ainda assim as boas qualidades da peça vencem estes senões e o publico sahe satisfeito.

Tem o papel mais trabalhoso o actor Galvão, disse-o com verdade e em muitas scenas foi felicissimo.

O actor Lisboa fez Jorge Muller, o sympathico da peça, dando-lhe muito colorido, especialmente aas scenas do 4º acto.

Os demais papeis do sexo feio foram distribuidos a Portugal, Pestana, Mendes Braga, Motta e Nazareth, que os desempenharam muito correctamente.

A novel actriz Francisca de Salles, que revela grandissima aptidão e boa vontade para a scena, encarregou-se da parte de Amelia de Stockausen, e representou-a muito conscienciosamente. A jovem artista, se procurar ser encaminhada, no cultivo da arte que abraçou, por bons mestres que a afastem dos escolhos em que muitas naufragam, será, de futuro, um dos mais bellos ornamentos dos nossos theatros, tão pobres, infelizmente, de artistas de genero.

Julia de Lima e Maria Augusta, embora em papeis secundarios, deram-lhes bastante relevo e agradaram muito.

A peça está bem montada: uma grande parte do scenario é completamente nova, os vestuarios satisfazem e a *mise-en-scene* é, em geral, muito cuidada.

Parece-nos que *O espectro* deve fazer carreira, pelo que felicitamos a empresa e o habil accomodador, o Sr. Zagallo.

Em 7 do mez passado representou-se pela primeira vez em Paris, na *Opera comica* «Egmont», o drama lyrico em quatro actos, por Alberto Wolff e Alberto Millaud, musica de Gastão Silvyre.

Coquelin aine marcou já o dia 17 de junho para a sua viagem á America; teucioua seguir fielmente o itinerario feito por Sarah Bernhard, e gastar em toda a excursão sete mezes, pouco mais ou menos.

P. TALMA

SECÇÃO DE HONRA

Como prova de reconhecimento ás pessoas que se dignaram de nos auxiliar com suas assignaturas desde a fundação d' *A Semana*, e que se acham quites para cam esta empresa, continnamos a publicar nesta secção de honra, iniciada em o. n. 99, uma relação dos seus nomes, á qual serão tambem adicionados os dos cavalheiros que, sendo egualmente assignantes desde o inicio da publicação d'esta folha,

vierem ou mandarem quitar-se até 31 de Dezembro do anno passado.

CORTE

(Continuação)

Conseelheiro Ruy Barbosa.
 Conseelheiro Affonso Gaioso d'Assis Figueiredo.
 Adriaao de Barros.
 Conseelheiro Fraaklia A. de Meaezes Doria.

Manoel Ricardo de Souza Dias.
 Alexandro Gasparoni Filho.
 D. Amelia Salgado.
 Quintino Bacayuva.
 Rosa Nunes.
 Dr. Magalhães Castro.
 Manuel José de Souza e Silva.
 Dr. João Pizarro Gabizzo.
 Aatouio Adriana de Cerqueira.
 João Mendes.
 José Lemos.
 D. Ernestina Lemos.
 A. A. Cardoso de Almeida.
 Dr. Menezes Vieira.
 Dr. Feliciano Fernaudes.
 Antonio Pereira ds Silva.
 Joaquim Anthero de Carvalho.
 Mello Batalha.
 Dr. Custodio dos Santos.
 José Nunes Belfort Guimaraes.
 Manuel Ramos de Paula.

(Continúa)

SPORT

Com bastante concurrecia o animação realiso o Hippodromo Guanabara maie uma corrida no domingo passado, sendo os pareos, em geral, bem disputados. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.300 metros) *Phenicia* com alguma facilidade venceu os seus competidores. *Pancy* chegou em 2º lugar e *Castiglione* em 3º. *Daybreack* não correu.

No 2º pareo (1.450 metros) houve divisão em duas turmas:

Na 1ª turma — *Americana* chegou em 1º. *Orpheu* em 2º. *Caporal* em 3º. Tambem correram *Aldeia, Romita e Danon* que fizeram má corrida.

Na 2ª turma — *Biscaya* facilmente sahii vencedora. *Iran* em 2º. *Purita* em 3º. *Villa Nova, Jenny e Warrango* chucaram em bagagem.

No 3º pareo (1.000) *Cheapside* fez boa corrida, vencendo com alguma facilidade os seus competidores. *Caixa* em 2º e *Gauiriole* em 3º. *Mudama* não correu.

No 4º pareo (1.750 metros) *Vampa* sahii vencedor. *Intima* em 2º e *Nicoafy* em 3º, fazendo má corrida. *Cantagallo* e *Bitter* chegaram em ultimo.

No 5º pareo (1.000 metros) inscreveram-se *Pancy, Castiglione, Argentino* e *Daybreack* que não correu. E' inutil, inteiramente, classificarmos o vencedor porque a *ecandalo da patota* foi tão desastrosa, que nos envergonha dizer qual chegou na frente. Consta que a digna directoria tomou coaherimento do facto e resolverá com energia, para que se não reproduzam scenas desta orlão no seio de uma sociedade bem constituída e bem intencionada. Aguardamos a resolução.

No 6º pareo (1450 metros) *Scylla* facilmente sahii vencedora. *Mastin* em 2º e *Gazida* em 3º. *Cheapside* não correu.

No 7º pareo (1.000 metros) *Vampa* facilmente sahii vencedora. *Biscaya* em 2º, e *Intima* em 3º. *Bitter* e *Nicoafy* não correram.

No 8º pareo (1.000 metros) *Savana* foi vencedora. *Guacho* em 2º. *Bariguy* em 3º. *Morena* não correu.

Com um bom programma realisa amanhã outra corrida esta sociedade.

L. M. BASTOS

PARNASO ALEGRE

SONHO ORIENTAL

I

Dormindo, um dia, achei-me em Stambul, num mimoso Serralho, onde estive de hours circundado...

O morno ambiente achava-se impregnado

Da fragrançis de incenso unctuoso

E ouvia um flebil tom queixoso

De terno arrabil prateado,

Feliz, meio inclinado

Num leita velludoso.

Fora, ao passar das sragens,

D'altos bambúe ciciava a moita;

Desfolhavam-se as verdees ramagens...

Emquanto deatro, ao soar da castanhola,

Circssiana em torno bailava-me affoita,

Lembrando-me a jovial saltarina hespanhola.

II

Como nas erss priscas,

Stava a bella no requinte

De um laxo, que não ha quem pinte.

Seus pesinhos, quaes rôlas ariscas,

Travessos voavam; — quando, de odaliscas —

Risaahas, surgiu-me uma esquadra de vinte,

Com uns argolões de prata e de oiro retininte.

E uns turbantes de seda e vestuarios de riscas.

Afogam-me aos beijos... mas, como espantallo,

Salta o Snitão co'um chaço; e eu, com receio,

Zás! desperto!... E que é d'elle, o serralhe?!

Sultanas? oh!... (leitor que julgas?...

Em vez d'ellas me acho em meio

De um rebanho de pulgas!

MANOEL DA HORTA.

TRATOS A BOLÁ

O premio dos *tratos* ultimos foi cubido pela nosos respeitabilissimos irmãos *Friual Vassio, Pedro Rabello, Josephina B., F. Dias e Zé Caipora*.

Zé Caipora chegou em segundo lugar e abiscitou o premio. Puderá se *Friual Vassio* não acertou com a primeira e *Zé Caipora* decifrou todas...

Eis as decifrações: *Parametro*, *Parlamento*, *Parasuo*, *Poema e Huresta*.

Venha pois *Zé Caipora* receber o seu premio, e, com os seus companheiros, aguar a *bola* o fizer a decifração exacta dos seguintes *tratos*:

LOGOGYPHO

Com vosco, ó vós que partis...
 Vas ella mundos correr, 3, 1, 2, 6.
 E nos contos infantis
 Sempre a véem apparecer; 5, 8, 7, 1.
 Tem quatro vontos, por on te
 Annuncia o que ó famoso 5, 1, 3, 8.
 E é vista em tempo cluvoso,
 Para atravessar só de bond! 2, 6, 3, 1.
 Nesta agora encontraréis,
 O destino bem ou mal, 5, 1, 7, 1.
 E lin muito tempo sabeis
 Que o que aqui vai é immortal; 8, 2, 3, 6.
 Sempre alegre, sempre a rir,
 Sou um deus que amo a folgança... 3, 1, 3, 4.
 Maa cancel-te; eila — descança.
 Fiz-te somno, vae dormir!

Pedro Rabello.

CHARADAS

Olhou, boa leitora, cara amiga—2
 Este homem que agora lhe apresento,—2
 Dizei-me, sim, dizei-me se isto é intriga
 Mostrar-vos bem depressa um idstrumento.

Do teu rosto mimoso e purpurino—1
 Se destaca madeira do Brazil,—2
 Eis ahí meu leitor, com muito tino,
 O que esconde a donzella tão gentil.

Do moinho huscaí, pois sou primeira—1
 Quando me junto com esta interjeição,—1
 Esta ave, porém, é agouroira,
 Compunge o nosso terno coração.

Josephina B.

Dois premios divinos aos dois primeiros decifradores.

E por hoje só me resta, carissimos irmãos, deitar-vos a minha indispensavel heção.

Ite, *tratus* est.

FREI ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

Vamos ter brevemente o prazer de ler a *Bohemia do espirito*, ultimo livro de Camillo Castello Branco. Como se devem lembrar os leitores, pela noticia que demos o oppusculo de Camillo — *A diffamação dos livreiros*, tinha sido aquella obra embargada pelos Srs. Luzan & Genelioux, livreiros successores de Ernesto Chardron, com o fundamento de não poder o auctor vender a ao editor Costa Santos, visto figurarem nella alguns oppusculos já editados pela antiga casa Chardron: Camillo respondeu-lhes — irrespondivelmente. Chegamos agora a noticia de ter cahido o processo na Relação, sendo desprezados os injuriosos fundamentos do embargo e condemnados nas custas os Srs. L. Luzan & Genelioux.

Ora ainda hem

AMERICANA

Que julgão os nossos leitores d'este titulo? Pensarão, por acaso, que é um romance d'*sensation* que vae apparecer brevemente, ou uma outra revista dos acontecimentos do findo 1886? Pois enganaram-se os nossos leitores. A *Americana* é um nectar delicioso, um licor digno de ser servido em taças de ouro aos deuses pela formosissima Hebe nos paços de Jupiter.

Deliciosa bebida: estomacal, tónica e refrigerante, ao que parece, porque não lhe fizemos a analyse chimica. Isto é lá com a Inspectoria de Hygiene.

E se os nossos leitores quereem experimental-a e saboreal-a, procurem a casa dos Srs. Faria Braga & C., á rua da Guardia Velha n.º... Nada, o numero não vae. Seria uma *reclame* escandalosa.

O Sr. professor Joaquim Pereira Leitão abriu em Nitheroy, sob o titulo *Externato Fluminense*, um estabelecimento de instrucção primaria e secundaria.

O prospecto que tomos á vista faz crer que merece o *Externato Fluminense* um logar saliente entre as casas de educação.

A nova directoria da *Societê Française de Gymnastique*, conforme participação que nos foi feita pelo seu 2º secretario, consta dos seguintes senhores: Ch. Muller, presidente; J. Develly, vice-presidente; Ch. Pingard, 1º secretario; G. Bailly, 2º secretario; Vicente Avellar, thesoureiro; F. Gony, commissario; e L. Galliac, bibliotecario.

A amabilidade dos Srs. E. de Saint Denis & C. devemos o ensejo, que ora se nos proporciona, de confirmar as excellentes qualidades da «*Transatlantique Ale*», excellentes cerveja fabricada na «*Grande Brasserie de l'Ouest*», no Havre.

Aquella conceituada firma enviou-nos algumas garrafas da referida cerveja; e, do ensaio que fizemos, concluimos que em nada desmerece das melhores cervejas allemãs, bavaras ou inglezas, tendo mesmo no seu preparo muitos pontos de contacto com a atamada Cumbach.

Estando actualmente muito prevenidos os consumidores contra as cervejas salicyladas ou fabricadas com ingredientes nocivos, justo é que opinem pelas que, como a «*Transatlantique ale*», offerecem as melhores garantias, quer em relação ao bom preparo quer em relação ao acondicionamento.

Aproveitamos o ensejo para agradecer aos Srs. E. de Saint Denis & C. a sua delicada offerta.

COLLABORAÇÃO

CONVERSA COM MINHA FILHA (FOLHA SOLTA)

ELLA (lendo): — G-l-o, g-l-o; r-i-r-i; a, a — Gloria. — O que é gloria, papai?

— Gloria, minha filha, ó uma illusão, é um sonho, é quasi um delirio.

Ves aquelle velho soldado que, com uma perna de pau, caminha tristemente, estendendo a mão aos que passam, na attitude da mais angustiosa das supplicas?

Houve tempo em que elle, alegre e cheio de confiança, deixou a casa de seus pais e seguiu uma bandeira, que lhe disseram representava a patria, que ia em longas terras lembrar á sua coragem tudo o que elle mais amava, isto é — a familia, o lar e o céo que o vira nascer.

O pobre soldado sentio que lhe percorriam o corpo estremeçimentos jamais experimentados e seguiu aquelle estandarte de vivas cores: — disseram, ao vel-o partir, que o patriotismo era o bello sentimento que o animava.

O valente guerreiro transpoz, cheio de fé, as terras e os mares, e quando de novo pison o solo firme, a saudade ferio-lhe n'alma as primeiras lembranças de seu paiz, que tão longeficára, e elle verificou, entre scismas de receio e pezares, que estava em terra estrangeira.

Era ali que o levava o patriotismo, para vingar injurias feitas ao pavilhão que o guiava.

Elle combateu com a coragem do homem de brio; mas uma bala fatal levoulhe a perna e elle foi conduzido por irmãos d'armas ao leito do hospital, onde a sciencia, para conservar-lhe a vida, completou pela amputação a deformidade que havia determinado a força do canhão inimigo.

Um patriotismo differente, isto é, mais calmo e calculado, inspirou os discursos d'aquelles que, no coração da patria, foram receber com festas os soldados mutilados, heróes da grande luta, que fora extinta pela impotencia do inimigo para continual-a indefinidamente.

O echo extinguido depressa os sons dos hymnos entoados pela victoria, e aquelle pobre soldado, esquecido pela patria, segue o curso da fatalidade, implorando esmolas para manter a vida. E' a isto que se chama — gloria.

— Ves além aquelle altivo e caricato fidalgo, que olha sobranceiro para a multidão, que reverente o saudá, e que parece a estatua ambulante do orgulho insolente?

E' um desgraçado que começou a vida rastejando como o ceco em busca dos restos de um festim.

Nunca d'ello se falou, nenhum merecimento o recommenda, pois nom polos estímulos do brio, nem pelas solicitações do dever, seu nome desconhecido se ligou a um só acto digno de ser conservado na lembrança do seus concidadões.

Conheçomdo que no theatro da vida a gloria é dos que sobem, mesmo á custa de todos os sacrificios, foi pusillanime até á covardia, foi fraco até á baixeza, foi torpe até á inconsciencia, e assim subiu a escada das grandezas terrenas, guerreando os que lhe podiam fazer sombra, sempre de rastos como os reptis, ás apalpadellas e ás escondidas, de modo a so mostrar-se quando, no cimo sombrio a que se ergueu, pode verificar que o sustentavam tres grandes e sinistras potencias, que os homens designavam pelos nomes de — calunnia, tração e dinheiro.

Aquillo que faz o orgulho da mediocridade presumida e desleal, é o que por convenção se tem entendido chamar — gloria.

— Observa, mais ao longe, aquelle que se sente deslumbrado pelos ouropeis de sua tarda bordada e que representa o poder na terra dos seus.

Não voou ás alturas com as azas de agua, mas subiu pela astucia, como os reptis, ao alcantilado das roebas.

Não se servio da gaza do gatuno, porque para isso faltou-lhe coragem, mas substituiu-a pela influencia fascinadora do poder que o acaso e a perfidia lhe deram. A lepra d'alma animou a inveja que lhe nascera no coração; a mesquizez dos sentimentos consorcio-u com o mal, e d'abi decorrem todos os actos de sua vida. — pequenos como o seu espirito, enfiados como a sua intelligencia, torpes como a sua consciencia. Eutretanto elle é o poder, e o poder é a — gloria!

ELLA — Que cousa triste é a gloria, papai? — Não, minha filha. Apesar de que quasi todos affirmam a verdade de meus conceitos, a gloria, a pura e seductora gloria, não é o que descrevi.

Outros qualificativos cabem aos meus exemplos, pois ao primeiro adapta-se melhor a denominação de — *ingratitude*; e segundo deve chamar-se — *decadencia* e o terceiro — *miséria*.

As glorias sanctas, bendictas e puras, são as que se originam do cumprimento do dever — unicas que trazem serenidade á consciencia e paz ao espirito; sentimentos que os reprobos da sociedade não conhecem no mundo e que farão a sua desgraça na vida de além tumulo, em que a maldição dos homiens pesará sobre a lousa que os hade cobrir mais do que a clava de Hercules.

SONJAJ.

CORREIO

— Sr. Renato. Muito injusto seria se não reconhecesse o merito de sua poesia (tradução), antes poemcto, intitulada *A Lenda da Terra*.

Tem grammatica (cousa que se não encontra ahí a cada passo) e versos correctos. No entanto não é possível ser publicado nesta folha. E' demasiadamente longa. Mande-nos cousa mais curta...

— Sr. Jorge Samsonnac. Quer que lhe fale com toda a franquesa, com o coração nas mãos, como é de costume dizer-se? Pois meu senhor, a unica cousa que se aproveita de tudo quanto mandou a esta redacção é a sua letra, que, verdade, verdade, é bastante legivel e, direi mesmo, bonita. O mais não vale uma pitada de tabaco!

— Sr. Mirabeau Mirim. Sim senhor, sim; que são dois senhores. *Vomincé* é poeta ás direitas! Sabe onde tem as ventas para fazer versos e dizer asneiras. Nem o Barreto Bastos seria capaz de lhe chegar aos calcanhares.

— Sr. J. R. Em duas palavras lhe respondo.

O seu escripto «*Ajuste de contas*», é um primor, mas um primor marca grande: tem letras como 600,000 diabos! Vá escrever... p'ra sua casa! Safa! O Sr. prosa bem...lá prosar prosa! mas p'ra cá vem de carrinho. Publicação ha de pilhar, mas ha de ser na semana de nove dias. Portanto, saude e patacas.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *A'm brado contra o jury*, pelo julgamento do brasileiro Silveira e do portuguez Milheiros em identidade de delictos e circumstanças, tendo sido o primeiro absolvido e o segundo condemnado — opusculo dedicado ás justicas estrangeiras e ao illustre patrono da emigração, o Exm Sr. Senador do imperio Alfredo Escagnolle Taunay por José Balsamo. Na primeira pagina traz este folheto a seguinte dedicatória: « *Ao illustre patrono do paciente Manoel Ferreira dos Santos Milheiros, o Exm. Sr. Dr. Valentim de Macchiães, em nome da Colonia Portugueza-agradecido, José Balsamo.*»

— Revista de Engenharia, n.º 153, IX anno.

— *A Miséria Fluminense*, n.º orgão do Gremio Polytechnico Bittencourt da Silva.

— *O Arlegato*, folha litteraria, critica e noticiosa, redigida pelos Srs. C. Pinheiro e Pereira da Silva.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua do Carmo n.º 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Cognac e licôres de Marie Brisard & Roger — Casa fundada em 1755, premiada nas grandes exposições em Paris, Londres, Vienna e Philadelphia, pela superioridade e pureza de seus productos. O cognac e licôres de Marie Brisard & Roger são garantidos de pura aguardente de uva, sem nenhuma addicção de outra qualidade de aguardente. Pedese toda a cautela contra as falsificação ou imitações, offerecidas neste mercado, dos productos da casa Marie Brisard & Roger. Unicos agentes nesta corte: Karl-Valois & C., 34 rua da Alfandega.

J. M. Villas Boas da Gama, — dentista — extrah dentess sem dor. Muzambinho — Minas.

Relojoetro — Alfredo Cesar da Silva — Rua de S. José n.º 51 — Em frentes á rua da Quitanda.

Photographo — Hygino Lopes — Barbacena.

Lindolpho Coimbra — Bacharel em bellas artes: photographo, chimico e oleographo. Rua de Santo Antonio, — Santos.

MOVEIS

ELEGANTES, SOLIDOS E BARATOS
 Objectos de colchoaria, espelhos,apparelhos de porcellana, tapetes, cestas, bolsas, mil objectos do fantasia para adorno de casas etc.
 Sortimento variadissimo. Tudo do melhor e por

PREÇOS MODICOS

Casa franca a quem quizer visital-a.
 172 RUA DO HOSPICIO 172
 David José de Oliveira

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario
 ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes, Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4º numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da *Gazeta Litteraria*, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do *Courrier de Paris* e socio da *Agence de Publicité Etrangère*.

ASSIGNATURAS

50000 por anno — 500 rs. n. avulso (Pagamento adiantado)
 Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas terá direito a uma gratis.

LOTERIA DO GRAM-PARA'

200:000\$000

7ª PARTE DA 1ª LOTERIA

EXTRACÇÃO—TERÇA-FEIRA 25—EXTRACÇÃO AO MEIO DIA

BILHETES A' VENDA EM TODAS AS CASAS E KIOSQUES
E NA AGENCIA

Remessa para fóra com antecedencia e sem commissão

23 RUA DA URUGUAYANA 23

O agente, AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PELO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hy-
gieno e autorizada pelo
governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, os-
trophulitas, rachitis, anemia,
debilidade em geral,
delluxos, tosse chronica e af-
focções do peito e da
garganta

E' muito superior ao oleo simples de
figado de bacalhão, porque, além de ter
cheiro e sabor agradaveis, possui to-
das as virtudes medicinaes e nutritivas
do oleo, além das propriedades tonicas
e reconstituintes dos hypodrophosphi-
tos. A' venda nas drogarias e boticas.

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DAS ALAGOAS

Em beneficio de vinte Estabelecimentos Pios de Caridade e Instrucção Primaria da Provincia

CONCEDIDA POR LEI PROVINCIAL N. 980 DE 23 DE JUNHO DE 1886

PREMIO MAIOR

2,000:000\$000

PREMIO MAIOR

A EXTRACÇÃO DA PRIMEIRA SERIE TERA' LOGAR A 12 DE FEVEREIRO PROXIMO FUTURO, IMPRETERIVELMENTE

O seguinte plano é o mais importante e vantajoso de todos os que até hoje teem apparecido; com a diminuta quantia de 18000 póde-se obter 100:0118000

EXTRACÇÃO	PLANO	EXTRACÇÃO
12 DE FEVEREIRO		12 DE FEVEREIRO
PROXIMO FUTURO		PROXIMO FUTURO
Não ha transferencia		Não ha transferencia
PREMIO MAIOR		PREMIO MAIOR
2,000:000\$000		2,000:000\$000
1 Premio de.....	2.000:000\$000	
1 dito de.....	1.000:000\$000	
1 dito de.....	500:000\$000	
1 dito de.....	200:000\$000	
1 dito de.....	100:000\$000	
3 ditos de.....	100:000\$000	
10 ditos de.....	20:000\$000	
30 ditos de.....	10:000\$000	
99 ditos para a centena em que sahir o 1º premio a	50:000\$000	
99 ditos para a centena em que sahir o 2º premio a	5:000\$000	
99 ditos para a centena em que sahir o 3º premio a	2:000\$000	
99 ditos para a centena em que sahir o 4º premio a	1:000\$000	
99 ditos para a centena em que sahir o 5º premio a	500\$000	
5.000 ditos para todas as centenas cujos dous algaris- mos de terminação forem eguaes ao da sorte grande, inclusivê, a.....	300\$000	
50.000 ditos para todas as dezenas cujo algarismo de terminação for igual ao da sorte grande, inclusivê, a.....	200\$000	
2 aproximações para o 1º premio a.....	20\$000	
2 ditos para o 2º premio a.....	50:000\$000	
2 ditos para o 3º premio a.....	30:000\$000	
2 ditos para o 4º premio a.....	20:000\$000	
2 ditos para o 5º premio a.....	10:000\$000	
2 ditos para o 5º premio a.....	4:400\$000	
55.552 premios no valor de.....	7.500:000\$000	
Beneficio, imposto provincial, commissão, sello e mais despezas.....	2.500:000\$000	
500.000 bilhetes a 20\$000.....	10.000:000\$000	

Os bilhetes acham-se á venda. Remettem-se para o interior com antecedencia e sem commissão. Os pedidos devem ser dirigidos a

GASPAR PEREIRA COUTO

N. 1 A RUA DO HOSPICIO N. 1 A

Endereço Telegraphico--Pardal--Caixa do Correio n. 301--Rio de Janeiro

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA DA 5ª CORRIDA

EM 23 DE JANEIRO DE 1887

1º pareo—EXPERIENCIA—3.200 metros—Andares—Premios: 200\$ ao primeiro e 50\$ ao segundo—Inscrição 20\$000.

NS.	NOMES	IDADE	PELLO	PESOS	PROPRIETARIOS
1	Alegria.....	6 ans.	J. A. P.
2	Nhonhô.....	7 »	H. S.
3	Buccacio.....	6 »	J. A. P. C.
4	Pastor.....	9 »	A. R.
5	Es-aravelho..	8 »	J.C. S.
6	Macacio.....	12 »	E. I. V.
7	Neu.....	3 «	A. L.

2º pareo—COMMENDADOR POSSOLO—1.450 metros—Animaes nacionaes até meio sangue, que não tenham ganho—Premios: 350\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Mavengo....	6 ans.	Vermelho.....	54 kils.	Coudelaria Mirim.
2	Orpheu.....	5 »	Preto.....	51 »	J. Lemos.
3	Bayocco.....	5 »	Castanho.....	54 »	Oliv. Junior & Lopes.
4	Feiticeira...	3 »	Alazão.....	48 »	S. M.
5	Bacarat II..	4 »	Gateado.....	52 »	C. & F.
6	Ivon.....	3 »	Zaino.....	50 »	C. P.
7	Bamhú.....	7 »	Idem.....	54 »	Coudelaria Brasileira.
8	Pirata.....	4 »	Tordilho.....	52 »	Coud. Nicheroyense

3º pareo—GONDE DE HERZBERG—1.300 metros—Animaes nacionaes até 4 annos e estrangeiros até 3 annos—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Castiglione..	3 ans.	Zaino.....	55 kils.	Coud. Santa Cruz.
2	Biscaia.....	4 »	Alazão tostado..	50 »	Idem.
3	Daybreak....	2 »	Zaino.....	55 »	D. Julia Vieira.
4	Vampa.....	4 »	Idem.....	52 »	Coudelaria Paraizo.

4º pareo—HIPPODROMO GUANABARA—2.200 metros—Animaes de qualquer paiz até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Madama.....	4 ans.	Castanho.....	47 kils.	Coud. Cruzeiro.
2	La Ferthé... 4 »	Alazão.....	45 »	Idem Brasileira.	
3	Daybreak.... 3 »	Zaino.....	48 »	D. Julia Vieira.	
4	Dr. Jenner.. 4 »	Idem.....	50 »	G. L.	
5	Scylla..... 4 »	Castanho.....	47 »	Coud. Rio de Janeiro.	
6	Mastin..... 3 »	Idem.....	50 »	A. M. P.	

5º pareo—SUPPLEMENTAR—1.700 metros—Animaes nacionaes de meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Bonita.....	5 ans.	Alazão.....	52 kils.	J. Machado.
2	Damon.....	4 »	Idem.....	52 »	Idem.
3	Bayocco.....	5 »	Castanho.....	54 »	Oliveira Junior & Lopes.
4	Nicoafy.....	4 »	Idem.....	52 »	Coud. Romana.
5	Mandarim... 4 »	Rosilho.....	52 »	Idem Paraizo.	
6	Vampa.....	4 »	Zaino.....	52 »	Idem.
7	Boyardo.... 5 »	Alazão.....	51 »	Idem Guanahara.	

6º pareo—INTERNACIONAL—1.450 metros—Animaes de qualquer paiz que não tenham ganho nesta distancia—Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Madama.....	4 ans.	Alazão.....	50 kils.	Coud. Cruzeiro.
2	La Ferthé... 4 »	Idem.....	50 »	Idem Brasileira.	
3	Dr. Jenner.. 4 »	Zaino.....	52 »	G. L.	
4	Mastin..... 4 »	Castanho.....	52 »	A. M. P.	
5	Gaudriule... 4 »	Idem.....	50 »	Coud. Rio de Janeiro.	

7º pareo—DR. PAULO CESAR—1.750 metros (Handicap)—Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Biscaia.....	4 ans.	Alazão tostado..	52 kils.	Coud. Santa Cruz.
2	Saltarelle... 6 »	Zaino.....	54 »	J. W.	
3	Americana.. 4 »	Tordilho.....	54 »	Coudelaria Romana.	

8º pareo—NICTHEROY—1.000 metros—Animaes nacionaes de menos de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 200\$ ao primeiro, 40\$ ao segundo e o terceiro livra a entrada.

1	Africano.....	4 ans.	Preto.....	54 kils.	Hermenegildo J. Silva.
2	Guacho.....	3 »	Chita.....	52 »	Coudelaria Paraizo.
3	Ella.....	4 »	Tordilho.....	52 »	Idem Brasileira.
4	Moema.....	4 »	Zaino.....	52 »	Idem.

Os animaes inscriptos no primeiro pareo deverão achar-se no ensilhamento ás 11 1/4 horas em ponto.

Haverá honds extraordinarios, da ponte de Nicheroy, e harcas da estação da córte, em direitura ao prado, ás 7, 10 1/2, 11 e 11 1/2, sendo as das 7 e 10 1/2 para condução de animaes e tambem para passageiros, e as outras somente para estes. Depois das corridas haverá um trem especial, que partirá da plataforma do prado ás 6 horas da tarde conduzindo os passageiros do interior.

Nicheroy, 18 de Janeiro de 1887.

O 2º secretario, AFFONSO A. NUNES,

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

6 RUA DO CONDE DE BOMFIM 6
GRANDE FESTA EM 23 DO CORRENTE

ÁS 5 HORAS DA TARDE EM PONTO

PROGRAMMA DAS CORRIDAS

1º pareo—ANIMAÇÃO—300 metros—Corrida raza para socios que ainda não levantaram premio este anno. Premio: um tinteiro de prata lavrada, 14 inscriptos.

2º pareo—DOZE DE JULHO—300 metros—Corrida raza para meninas de 8 a 12 annos com vantagens. Premio: 1º, uma pulseira de ouro, 2º, um alfinete de ouro, 10 inscriptas.

3º pareo—CONSOLAÇÃO—1.500 metros—Velocipedes para socios que ainda não levantaram premio, com vantagens. Premio: uma guarnição de ouro de lei com perolas, 5 inscriptos.

4º pareo—VELOCIDADE—300 metros—Corrida raza para homens, com vantagens. Premio: um alfinete com brilhante para gravata, 14 inscriptos.

5º pareo—PROGRESSO—1.500 metros—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premio: um serviço de prata dourada para escritorio, 6 inscriptos.

6º pareo—CLUB ATHLETICO FLUMINENSE—3.000 metros—Velocipedes para homens, com vantagens. Premios: 1º, uma corrente de ouro de lei; 2ª, uma lapizeira de ouro, 8 inscriptos.

7º pareo—EXPERIENCIA—600 metros—Corrida raza para homens, com vantagens. Premio: uma cigarreira de prata lavrada, 12 inscriptos.

8º pareo—ENSAIO—300 metros—Corrida raza para meninos, com vantagens. Premio: uma hongala com castão de ouro, 20 inscriptos.

PAREOS SUPPLEMENTARES

1º pareo—80 metros—Corrida raza para meninos até 7 annos, com vantagens. Premios: ao 1º, uma caixa com brinquedos diversos; a cada um dos outros, uma surpresa, 8 inscriptos.

2º pareo—60 metros—Corrida raza para meninas até 7 annos, com vantagens. Premios: a 1ª, uma honca de cêra; a cada uma das outras, uma surpresa—4 inscriptos.

A. SOARES 1º secretario.

A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.

66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taholeta—annuncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado

EXTERNATO CRUZEIRO DO SUL

(PROXIMO AO COLLEGIO D. PEDRO II)

N 133 RUA DA IMPERATRIZ N 133

METHODO INTUITIVO

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

PREPARA ALUMNOS PARA OS COLLEGIOS D. PEDRO II E NAVAL

CURSO ESPECIAL PARA O COMMERCIO E ANNEXO A' ESCOLA POLYTECHNICA

Estão funcionando todas as aulas desde o dia 10 de Janeiro